



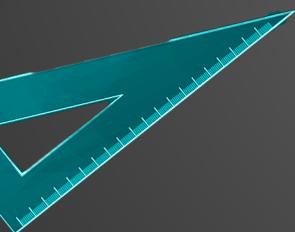
Atena
Editora
Ano 2020

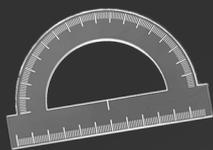


AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)





Atena
Editora

Ano 2020

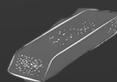
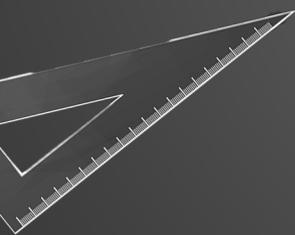


AS FACES DA EDUCAÇÃO:

DIALOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



OTAINAN DA SILVA MATOS
CLEIA SILVA PINTO COSTA
ANDRÉIA VAZ CUNHA DE SOUSA
JOSÉ ANTONIO MORAES COSTA
ROSYENE CONCEIÇÃO SOARES CUTRIM
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

As faces da educação: diálogos na diversidade escolar

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Otainan da Silva Matos... [et al.].

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F138 As faces da educação [recurso eletrônico] : diálogos na diversidade escolar / Organizadores Otainan da Silva Matos... [et al.]. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.
205 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-346-0 (PDF)

ISBN 978-65-5706-345-3 (Brochura)

DOI 10.22533/at.ed.460200209

1. Educação. 2. Diversidade escolar. 3. Prática de ensino.
I. Matos, Otainan da Silva. II. Costa, José Antonio Moraes. III. Costa, Cleia Silva Pinto. IV. Souza, Andréia Vaz Cunha de. V. Cutrim, Rosylene Conceição Soares.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

PREFÁCIO

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

Sinto-me lisonjeado em poder registrar breves impressões sobre este livro. Ele foi concebido, a partir dos esforços dos mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), pertencente ao Centro de Ciências Sociais- (CCSo) da Universidade Federal do Maranhão – (UFMA), esforços esses semelhantes ao poema de Tecendo a Manhã. Idealizou-se esta obra com a tessitura de várias manhãs, dias, noites e madrugadas de muito estudos, aulas, leituras escritos e reescritos, para que se pudesse chegar ao título proposto pelos autores e coautores do mesmo “***As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar***”. Tendo como organizadores Otainan da Silva Matos, Celia Silva Pinto Costa, Andréa Vaz Cunha de Sousa, José Antonio Moraes Costa e Rosyene Conceição Soares Cutrim.

Trata-se de uma obra que reúne, em um conjunto de dezesseis capítulos, cuidadosamente, trabalhos elaborados pelos pós-graduandos sob o olhar dos seus respectivos orientadores do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica da Universidade Federal do Maranhão. Eles foram produzidos a partir das pesquisas oriundas de suas inquietações, que se transformaram em suas obras primas: a dissertação. Desvelam-se em seus escritos, as tendências atuais dos debates e das pesquisas acadêmicas no âmbito do mestrado profissional, desenvolvidas pelo PPGEEB¹, no campo da educação e as suas diversas faces: “*Filosofia para Crianças, Construção da identidade profissional e docente, relações étnico-raciais, tecnologias, Gênero, Formação inicial e continuada, Educação Inclusiva e Prática Pedagógica.*” Diante disso, se faz mister avultar que essas diversas faces dos escritos educacionais, composto neste livro em tela, nos levam para outros campos/aspectos da educação: a infância, a educação infantil, a

¹ Criado em 2015, o Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica é o segundo da UFMA e é o primeiro da área da educação no Maranhão. O Programa está composto atualmente por vinte e três docentes de diferentes áreas curriculares que compõem a Educação Básica. O Objetivo do Curso é formar profissionais para desenvolverem saberes, competências e habilidades específicas nas áreas do ensino da Educação Básica, levando em conta a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias educacionais. O profissional formado deverá ter como foco a gestão de ensino, a pesquisa, visando a proposição de inovações e aperfeiçoamentos dos conhecimentos e tecnologias educacionais para a solução de problemas do ensino na Educação Básica. Fonte: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/apresentacao_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1381 acesso em Maio de (2020).

leitura, a alfabetização, o ensino de línguas portuguesa e inglesa, a educação física, as deficiências visual e intelectual, a identidade de gênero e, por fim, a pesquisa nas suas diversas facetas, desenvolvidas pelos seus escritores.

Nesse contexto, importa destacar que os textos desta obra, instigam os leitores à reflexão, dispendo à sua leitura crítica, algumas possibilidades interpretativas sobre importantes questões pertinentes à educação básica.

Parabéns pela iniciativa em tornar públicos os estudos do PPGEEB com a produção deste livro!

Sucesso!

São Luís- MA, maio de 2020

José Carlos de Melo

REFERENCIA

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

APRESENTAÇÃO

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire

A construção de diversas análises sobre a educação é o que conduz o desenrolar dessa apresentação. Esse assunto que tanto permeia à sociedade, emerge da necessidade de mudanças significativas em nosso país. Diante desse cenário, a presente obra, **“As faces da Educação: diálogos na diversidade escolar”**, corrobora estritamente para as mais diversas áreas da educação escolar como, Filosofia, Pedagogia, Geografia, Tecnologia, Educação Física, Artes, Identidade de Gênero, Biologia, Português, Inglês, Sociologia, todas essas, em seus sentidos mais simbólicos e integrantes.

Esta obra origina-se da colaboração de estudantes de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB), que tem como propósito, estudar as condutas dos formadores de opiniões, investigar os espaços escolares e suas mais variadas formas de ensinar e aprender, entre aluno e professor, coordenador e gestor e todas as relações que ajudam na construção da educação. Nesse sentido, os mestrandos e seus respectivos orientadores concordam com a elaboração deste trabalho, visto que ele servirá de arcabouço teórico para estudantes, docentes, gestores, coordenadores e para aqueles que se interessam por leituras e estudos vinculados às diversas faces da educação.

Com isso, a construção dos capítulos se deram da seguinte forma:

- **Filosofia para Crianças:** a concepção de infância e o sentido do adulto em miniatura – Ms. Otainan da Silva Matos; Ms. Kátia Regina dos Santos Castro e Dr. José Carlos de Melo.

- **A Constituição da Identidade Profissional de Alfabetizadores:** narrativas de docentes integrantes do grupo de estudo e pesquisa “O ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental” – Ms. Cleia Silva Pinto Costa; Ms. Rosiara Costa Soares e Dr^a. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Identidade Profissional Docente e o Ensino de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa** – Ms. Cláudia Cristina Cólins Pereira; Rakell Ainy Freitas Luz e Dr^a Marize Barros Rocha Aranha.

- **Relações Étnico-Raciais e Infância:** valorização das diferenças e prevenção de preconceitos na educação infantil – Ms. Lucileide Martins Borges Ferreira; Luanda Martins Campos e Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes.

- **A Formação da Identidade Docente na Perspectiva da Interculturalidade** – Ms. Luanda Martins Campos; Ms. Mírian Ferreira da Silva Borgea e Dr^a Viviane Moura da

Rocha.

- **Práticas Pedagógicas Interculturais:** relato de experiência na disciplina de Educação Física – Ms. Ludmilla Silva Gonçalves e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **O Ser e o estar Formador/a na Escola:** um dilema para o/a Coordenador/a Pedagógico/a – Ms. Alexandrina Colins Martins e Dr^a Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes.

- **A Formação de leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:** um relato de experiência na turma do 2º ano de uma escola da rede pública municipal de Paço do Lumiar- Maranhão - Ms. Andréia Vaz Cunha de Sousa; Ms. Érica Patrícia Marques de Araújo e Dr. Samuel Luis Velázquez Castellanos.

- **Ideologias das Brincadeiras x Brinquedos de Meninos x Meninas** – Ms. Rachel Bonfim da Silva e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **Construção de Saberes no Mestrado Profissional e Formação Docente em Gêneros e Sexualidades** – Ms. Rosyene Conceição Soares Cutrim e Dr^a Sirlene Mota Pinheiro.

- **A Gangue como Sintoma de Falência do Modelo Capitalista** – Ms. Daulinda Santos Muniz e Dr^a Elisa Maria dos Anjos.

- **Do Sul ao Norte:** um diálogo sobre a formação inicial de professores de Geografia – Ms. Yuri Barros Lobo da Silva; Ms. Jucileide Melonio Pereira e Dr^a Maria José Albuquerque Santos.

- **A Educação Inclusiva e a Deficiência Intelectual:** desafios curriculares para a prática pedagógica – Ms. Gínia Kênia Machado Maia; Ms. Cleomar Lima Pereira e Dr^a Livia da Conceição Costa Zaqueu.

- **Os Corpos e a Escola:** a dança como lente – Ms. Érica Silva Pinto e Dr. Raimundo Nonato Assunção Viana.

- **Estado da Arte:** tecnologia móvel para auxiliar crianças com Transtorno do Espectro Autista – Ms. Máira Carla Moreira Aragão e Dr. João Batista Bottentuit Junior.

- **Tecnologia Assistiva para Estudantes com Deficiência Visual:** uma análise a respeito da produção científica – Ms. Aline Aparecida Nascimento Frazão e Dr^a Livia da Conceição Costa Zaqueu.

Quando me deparo com a literatura educacional, especificamente do Brasil, vejo um amplo desafio, no que concerne às formações e práticas dentro ambiente escolar. Vejo uma política que rejeita as escolas e finge que a educação está acontecendo. Vejo crianças sedentas por conhecimento, que fará a diferença na caminhada da vida e que muitas vezes, não adquire. Vejo docentes fingindo ensinar e alunos fingindo aprender. Vejo docentes superestimando o ensino tradicional porque lutam contra a inovação e as novas formas de aprender. É certo que isso existe. Contudo, também vejo políticas públicas positivas na luta pelo rendimento escolar. Vejo professores ofertando o melhor de si, para educar os seus alunos. Vejo o suor de docentes nas quadras de esporte.

Vejo os educadores de salas de recursos multifuncionais integrando os que precisam. Vejo laboratórios de informática atendendo a demanda escolar para informatizar os alunos. Vejo os gestores buscando formação continuada, a fim de aperfeiçoar às práticas educativas. Vejo docentes ofertando recursos financeiros, para que não falte material educacional. Vejo o esforço dos gestores para efetuar uma matrícula. São com esses por menores, que vejo a luta dos profissionais em prol de uma educação para o mundo.

Diante desse contexto, é importante salientar que a prática educativa percorre diversas formas, métodos e caminhos distintos. Assim sendo, ela somente acontece de forma eficiente, se percebermos que ela é plural e interdisciplinar. Portanto, prezado (a) leitor (a), você encontrará nesta obra, uma diversidade de contextos voltados para o ato de educar. Esta coletânea almeja apresentar as múltiplas faces da educação. Além disso, busca-se esclarecer as aproximações e distanciamentos de conceitos entre o ensino e a aprendizagem.

Nos capítulos que regem este livro, encontrarás abordagens que estimulam e ampliam seus conhecimentos acerca de filosofia para crianças, formação de professores, o corpo e seus movimentos, identidade de gênero, artes, ensino de geografia, tecnologia na educação, educação especial, alfabetização, identidade profissional, relação étnico-racial, práticas educacionais, sociologia e suas diversas configurações na instância escolar.

Boa leitura!

Otainan da Silva Matos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS: A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SENTIDO DO ADULTO EM MINIATURA	
Otáinan da Silva Matos Kátia Regina Santos Casto José Carlos de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.4602002091	
CAPÍTULO 2	12
A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE ALFABETIZADORES: NARRATIVAS DE DOCENTES INTEGRANTES DO GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA “O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL”	
Cleia Silva Pinto Costa Rosiara Costa Soares Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002092	
CAPÍTULO 3	25
A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA	
Cláudia Cristina Cólins Pereira Rakell Ainy Freitas Luz Marize Barros Rocha Aranha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002093	
CAPÍTULO 4	40
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A INFÂNCIA: VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS E PREVENÇÃO DE PRECONCEITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Lucileide Martins Borges Ferreira Luanda Martins Campos Antonio de Assis Cruz Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002094	
CAPÍTULO 5	51
A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE	
Luanda Martins Campos Mirian Ferreira da Silva Boguea Viviane Moura da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.4602002095	
CAPÍTULO 6	63
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Ludmilla Silva Gonçalves Raimundo Nonato Assunção Viana	
DOI 10.22533/at.ed.4602002096	
CAPÍTULO 7	73
O SER E O ESTAR FORMADOR/A NA ESCOLA: UM DILEMA PARA O/A COORDENADOR/A PEDAGÓGICO/A	
Alexandrina Colins Martins Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.4602002097	

CAPÍTULO 8	85
A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA TURMA DO 2º ANO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PAÇO DO LUMIAR- MARANHÃO	
Andréia Vaz Cunha de Sousa Érica Patrícia Marques de Araújo Samuel Luis Velázquez Castellanos	
DOI 10.22533/at.ed.4602002098	
CAPÍTULO 9	97
IDEOLOGIAS DAS BRINCADEIRAS X BRINQUEDOS DE MENINOS X MENINAS	
Rachel Bonfim da Silva Sirlene Mota Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.4602002099	
CAPÍTULO 10	107
CONSTRUÇÃO DE SABERES NO MESTRADO PROFISSIONAL E FORMAÇÃO DOCENTE EM GÊNEROS E SEXUALIDADES	
Rosylene Conceição Soares Cutrim Sirlene Mota Pinheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.46020020910	
CAPÍTULO 11	122
A GANGUE COMO SINTOMA DE FALÊNCIA DO MODELO CAPITALISTA	
Daulinda Santos Muniz Elisa Maria dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.46020020911	
CAPÍTULO 12	130
DO SUL AO NORTE: UM DIÁLOGO SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA	
Yuri Barros Lobo da Silva Jucileide Melonio Pereira Maria José Albuquerque Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46020020912	
CAPÍTULO 13	144
A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: DESAFIOS CURRICULARES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Ginia Kênia Machado Maia Cleomar Lima Pereira Lívia da Conceição Costa Zaqueu	
DOI 10.22533/at.ed.46020020913	
CAPÍTULO 14	155
OS CORPOS E A ESCOLA: A DANÇA COMO LENTE	
Raimundo Nonato Assunção Viana Érica da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.46020020914	
CAPÍTULO 15	163
ESTADO DA ARTE: TECNOLOGIA MÓVEL PARA AUXILIAR CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Maíra Carla Moreira Aragão	

João Batista Bottentuit Junior

DOI 10.22533/at.ed.46020020915

CAPÍTULO 16 169

TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA ANÁLISE A RESPEITO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Aline Aparecida Nascimento Frazão

Lívia da Conceição Costa Zaquero

DOI 10.22533/at.ed.46020020916

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 190

OS CORPOS E A ESCOLA: A DANÇA COMO LENTE

Data de aceite: 05/07/2020

Raimundo Nonato Assunção Viana

Graduado em Educação Física / UFMA, Mestre e Doutor em Educação pela UFRN, pós doutor em Educação UFMT, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física GEPPEF/DEF/UFMA. Email: viana.raimundo@ufma.br

Érica da Silva Pinto

Graduada em Educação Física (Licenciatura Plena)/UFMA; Especialista em Gerontologia Social e Saúde do Idoso/UFMA; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física GEPPEF/DEF/UFMA; Professora na Rede SESI de Ensino. Email: ericasp.edf@gmail.com

RESUMO: No presente texto discute-se o corpo na escola sob a lente da dança. Configuramos como um espaço por excelência para se compreender o corpo na sociedade atual, um corpo diverso, polissêmico e multifacetado, mas, que se revela violentado e controlado pelo não reconhecimento, ou invisibilidade nas diversos espaços onde ocorrem as interações sociais. Dessa maneira, apresentamos a dança um lócus onde são vivenciadas essas tensões, assim como, possibilidade de viver a

experiência de “ser corpo” e não “ter corpo” este último como instrumentalizado para atender um determinado padrão social. Caracteriza-se como uma investigação qualitativa, onde utilizaremos o paradigma fenomenológico, através da trajetória do fenômeno situado. O aporte teórico-conceitual privilegiará as reflexões sobre corpo em Merleau-Ponty e o ensino da dança em Laban. O objetivo do estudo é verificar a inserção do conteúdo dança nas aulas de Educação Física na escola e propor uma metodologia que atenda à diversidade de corpos, bem como, a temas emergentes desse corpo em movimento na sociedade. Apresenta-se reflexões a partir de dados levantados através de aplicação de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) com 48 alunos do ensino médio do colégio de aplicação da Universidade Federal do Maranhão, na cidade de São Luís- MA. a partir de questionamentos sobre como sentir-se ou não sentir-se como corpos dançantes na escola. Entende-se que na dança (e não somente na dança), todo corpo é livre para arriscar-se nessa linha tênue que é a comunicação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Permitindo-se ao mesmo tempo transformar-se e transformar o outro e o seu ambiente. Deve-se reaprender sobre a dança e sobre o corpo, como uma linguagem que pode

e deve ser desenvolvida para promover a inclusão por meio do discurso de corpo singular e plural.

PALAVRAS - CHAVE: Corpo, Escola, Dança.

INTRODUÇÃO

Negro, branco, pobre, rico, gordo, magro, cristão, ateu, bonito, feio, homem, mulher... Categorias da diversidade, que nos classificam, constantemente e em todos os momentos somos categorizados, assim como somos impelidos a nos esquadrihar em determinados padrões sociais, quer seja na forma do cabelo, na maneira de vestir-se, de falar, enfim, adquirir um determinado comportamento aceitável.

Tal situação reverbera diversos espaços entre eles o da escola, que por excelência, deveria se constituir como espaço de ampla discussão para o respeito pela diversidade de corpos e de sentidos e significados que lhe são marcados, mas, muitas vezes também lhe são cobrados a se modelar dentro de um determinado padrão e que nem sempre são no propósito de ir na contramão do pensamento majoritário de esquadrihamento. Assim esses corpos sofrem, se mutilam, se recortam naquilo que lhe é mais importante” ser corpo” para “ter um corpo” aquele que será aceito pelo grupo social.

Dessa forma os diversos componentes curriculares que compõem as ações da escola no sentido de educar os corpos para sua autonomia, acabam concorrendo para privá-los de sua liberdade de “ser corpo”, nesse sentido nos firmamos na Educação Física na escola, em especial no tema, dança, abordado pedagogicamente por esse componente curricular para refletirmos sobre esse corpo na escola. Os estudos em Dança tem sido nosso investimento para pensarmos sobre a diversidade de corpos e a violência a que esses são submetidos quando são classificados inaptos para se expressarem através dessa manifestação tão inerente ao ser humano. Afinal quem define o quê ou quem é diferente? O diferente sou eu? É você? Somos nós? Como? Porque? Quais são as normas que determinam que eu ou o meu grupo somos os diferentes? Estes corpos diversos, dos quais queremos tratar neste texto, são corpos que abrangem todas essas dimensões, que são diferentes e estão por toda parte, inclusive na escola.

COMPREENDER A DIVERSIDADE DE CORPOS NA ESCOLA IMPLICA EM REAPRENDÊ-LO

Pensar o corpo na dança e despertar reflexões acerca da multiplicidade de corpos que compõem o ambiente escolar e a sociedade de forma geral não é uma tarefa fácil ou simples, pois há a concorrência dos modismos, dos conceitos pré-concebidos, dos estereótipos ditados pela sociedade e que são baseados na biologia humana, se permitindo dizer quem são e o que podem ou não fazer (“dança é coisa de menina”, “samba é coisa

de preto”, “quem usa cadeira de rodas não dança”). Porém, a ideia central parte do pressuposto que os conceitos concebidos de maneira prévia podem ser desmistificados a partir da vivência em determinadas situações. Através da dança, nas aulas de Educação Física na escola, propomos despertar o corpo dançante para a compreensão do eu e do outro para além de suas características “visíveis”, para além do seu eu biológico. Foucault (1987, p.163) diz que:

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Nesses esquemas de docilidade (...) não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo [...].

Assim no sentido de pensar o corpo na escola para além do controle a que esse é submetido, será preciso reaprendê-lo, ou seja ampliarmos a compreensão de corporeidade, nos apropriarmos desse conceito, isto é, pensar o corpo como centralidade da cultura, portanto como produção do conhecimento, conhecimento de si, do outro, do entorno compreendê-lo como uma realidade que o permite sentir, perceber objetos, as pessoas, assim como, imaginar sonhar, desejar, pensar, pensar, narrar, conhecer e escolher, enfim diverso, polissêmico e multifacetado. Como possibilidade de compreender o corpo, sob uma outra via epistemológica, encontramos em Nóbrega (2010), a seguinte inferência:

A reflexão epistemológica da corporeidade contribui não apenas para a compreensão do ser humano em sua condição existencial básica, mas propicia a criação de novos modos de organização do conhecimento e de convivência ética e social, particularmente na educação (NÓBREGA, 2010, p. 13)

Os estudos de Nóbrega (2010) nos ajudam a compreender o corpo, como sendo a unidade que engloba uma pluralidade de formas ou de existências. Um corpo que não se divide em materialidade, sensações, cognições, mas demonstra os atos de significações, ou seja, a cultura produzida por esse corpo ao relacionar-se com o entorno inaugura uma racionalidade que emerge da sua condição corpórea e de seus sentidos biológicos, afetivos, sociais e históricos e que precisa ser levada em conta no ato de educar. Em especial à Educação, Nóbrega (2010) diz;

Sendo o Corpo condição existencial, afetiva, histórica, epistemológica [...] precisamos admitir que o corpo já está presente na educação. O desafio é superar as práticas disciplinares que o atravessam e reencontrar outras linhas de força. Desse modo, as aventuras pessoais, os acontecimentos banais ou históricos, a linguagem do corpo precisa ser considerada no ato de ensinar (NÓBREGA, 2010,p.114).

Nóbrega (2016,p.112) reafirma essa tese:

Nosso corpo traz marcas sociais e históricas e, portanto, questões culturais, questões de gênero e questões de pertencimentos sociais podem ser lidas no corpo[...]Pensar o corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos perceber como seres corporais.

A proposição, portanto, firma-se nos estudos do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty enquanto perspectiva ontológica e epistemológica do corpo.

A contribuição de Merleau-Ponty coloca-se no sentido do reconhecimento da complexidade do corpo e do movimento como elementos existenciais. O corpo não é objeto nem idéia, é expressão singular da existência do ser humano que se move. O corpo é linguagem, é movimento, é obra de arte (NÓBREGA, 2010, p. 26).

Para Nóbrega, (2009). É preciso reconhecer o corpo como corpo vivo, lúdico, trágico, portador de múltiplos sentidos; um corpo associado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, à experiência vivida, à poesia, ao sensível e ao invisível.

O corpo não pode ser concebido apenas como extensão ou volume, contemplado do exterior, como objeto: nem do interior, sem segredo, separado de si. O corpo do qual falamos não se resume a uma visão tecnicada ou disciplinadora da condição humana. Mas de um corpo vivo, cuja linguagem projeta o indivíduo para fora de si mesmo e o expõe ao elogio ou à sanção do grupo (NÓBREGA, 2009, p. 3).

Dessa forma a autora considera que a linguagem do corpo está circunscrita ao privado, ao íntimo, ao secreto, mas também ao público, à história social e coletiva. Um corpo marcado não apenas pela extensão, volume ou capacidade de deslocamento no espaço, mas pela percepção, pelo desejo, pelo afeto.

Sobre os corpos violados na escola: “os incapazes” de dançar

A motivação é um processo que nos leva a uma ação ou a inércia em diversas situações (TRESCA E DE ROSE JR., 2000). A motivação nos faz escolher algo e nos manter em determinadas atividades por um longo período ou não. Dançar na escola é uma ação que, é uma atividade que necessita de uma motivação. Nem todos os alunos, na verdade, grande parte deles se recusa a participar quando a atividade envolve dança. Todos esses anos na escola nos fez ouvir os mais diversos motivos para não dançar. Que vão desde o “não sei dançar” ao “não tenho corpo pra isso”.

Pensamos que o segundo motivo é o que mais nos inquieta. Existe um corpo perfeito para a dança? Como é esse corpo? Nossa experiência nos permite afirmar de antemão que o corpo perfeito para a dança é qualquer corpo. Porém não é assim que pensam a maior parte de nossos alunos. É exatamente esse conceito pré-concebido que precisa ser quebrado. O que é desafiador, porque mesmo diante de nossas falas e exemplos, ainda encontramos resistência para dançar.

Corpos que dançam são potenciais fontes vivas de criação e de construção, de reconfiguração e de transformação dos cotidianos. Os corpos dos alunos que dançam e se presentificam em nossas salas de aula são pensamentos, percepções, sensações, atitudes, ideias, comportamentos e posicionamentos em constante diálogo com a arte e com o mundo (MARQUES, 2011, p. 32).

Enquanto professores compreendemos o pensamento da autora, quanto aos alunos, em suas falas e atitudes, parecem ver apenas corpos desajustados, fora do que

consideram padrão, corpos “imperfeitos”. Para firmar nossas percepções acerca de todas essas situações já vividas na escola com e por meio da dança nas aulas de Educação Física, aplicamos um questionário tipo DRP (Diagnóstico Rápido Participativo) com 48 alunos do ensino médio do colégio de aplicação da Universidade Federal do Maranhão, na cidade de São Luís- MA.. No presente texto Faz-se um recorte por onde e iremos discutir sobre as respostas dadas a duas perguntas deste questionário. “Porque você nunca dançou na escola?” e “Existe um corpo perfeito para a dança? Como seria este corpo para você?”.

O que esses corpos falam...

Quando questionados sobre o fato de já terem dançado na escola, dos quarenta oito entrevistados, vinte e seis disseram já ter dançado na escola e vinte e dois responderam que não. Como o que nos interessa aqui são os que nunca dançaram na escola, neste primeiro momento discutiremos suas respostas. O grupo dos alunos que nunca dançaram na escola, em sua maioria disse não dançar por timidez ou medo. Vergonha dos colegas e dos outros membros da escola. Medo de se expor.

Essas respostas nos remetem as atitudes de nossos alunos na escola. Quando diziam que não iriam pagar esse “mico”, que não queriam ser motivos d piadas depois, que não sabiam dançar e por isso não participariam. E tudo isso mesmo sem saber o que aconteceria nas aulas. Pensamos haver uma confusão quanto a isso. A idéia de aula de dança na escola é distorcida, por muitas vezes acaba sendo confundida. Quando falamos que vamos ter aulas de/sobre dança, entre alguns alunos há um alvoroço, entre outros o desespero mostrado através dos olhos. O próximo passo seria identificar os motivos do alvoroço e do desespero. Ainda no grupo dos alunos que nunca haviam dançado na escola, encontramos os que eram impedidos por motivos religiosos. O que já havia acontecido também com nossos alunos na escola. Que justificavam sua não participação nas aulas em que trabalhávamos o conteúdo dança por que “a religião não permitia”.

Entre as respostas encontramos que: “porque eu pareço uma tabua dançando.” Chegando ao estado de comparação com um objeto, algo inerte e sem curvas. O que nos leva a uma interpretação de que se tratava de um corpo que acreditava não servir para a dança. Assim como quando uma das respostas nos diz que: “tenho vergonha de dançar na frente da escola toda”, nos permite dizer que é um corpo que talvez dance, só não faz isso na frente das outras pessoas. Quais os motivos além da vergonha e timidez? O corpo é um obstáculo?

Em relação a segunda pergunta, somente um dos entrevistados que responderam nunca ter dançado na escola foi direto ao ponto e disse que existe um corpo perfeito para a dança e esse corpo tem que estar “em forma, ser malhado e bonito.” Os demais, apesar de afirmarem não dançar por medo, timidez ou vergonha, disseram não haver corpo perfeito para a dança. O que nos leva a pensar que chega a ser bastante contraditório se

compararmos às atitudes de nossos alunos na escola, sempre preocupados com o que os outros vão pensar ou dizer. Já no grupo dos que disseram já ter dançado na escola, alguns disseram ter dançado por que era uma atividade obrigatória que valia nota. O que nos leva a pensar que mesmo entre os que já dançaram na escola, há os que não o fizeram motivados pelo ato de dançar.

Ainda no grupo dos que já haviam dançado na escola, em relação a ter ou não um corpo perfeito para a dança, obtivemos a maioria das respostas demonstrando compreender que não existe um corpo perfeito para esta prática. Ainda assim, mesmo neste grupo, encontramos respostas como: “Sou muito dura”, o que nos faz interpretar que um corpo “duro” não serve para a dança. Encontramos ainda respostas que diziam que o corpo, para dançar precisava ser flexível, que cada corpo serve para um padrão de música e que o corpo precisa ser saudável para aproveitar mais a dança.

Diante das respostas supracitadas ao nosso questionamento, em relação à dança, nossos alunos ainda demonstram insegurança sobre o seu próprio corpo e isso acaba sendo refletido, também, na forma como encaram e compreendem o corpo do outro, o que demonstra o reflexo da sociedade em que vivemos, são corpos presos à uma concepção padronizada de corpo. A insegurança se configura como o medo à sanção do grupo em que convivem.

A dança deve/pode ser desmistificada dentro da escola, mas isso acontecerá somente se nós, professores, soubermos utilizar o conteúdo como uma ferramenta de transformação. Encarar a dança como conteúdo, não como um momento de distração, lazer ou festividades dentro da escola. Dança e corpos estão intimamente ligados e podemos usar isso a favor da responsabilidade social de educar. Assim, ajudaremos nossos alunos na compreensão de que o corpo está além desse conjunto que ossos e músculos que se movimentam no tempo e no espaço. E que é possível ser um corpo que dança, independentemente de suas características físicas, intelectuais, culturais. É possível fazer qualquer corpo dançar.

Considerações: pensar um corpo dançante na escola é pensar um corpo educado para a diversidade

Acreditamos na dança, no movimento, como prática educacional, capaz de incorporar todo e qualquer corpo, sem nenhuma distinção. Mais que isso, uma possibilidade de abrir os olhos, as mentes e os corpos das pessoas para o que julgam ser diferente. Esse corpo, singular e plural de todos os lugares e da escola, através do movimento é capaz de transformar pessoas e lugares. É um desafio, mas não uma impossibilidade. A dança é para todos, magros, gordinhos, cegos, surdos, cadeirantes, amputados, brancos, negros, índios, altos, baixos. Na dança somos somente corpos, que falam e gritam quem são, o que sentem, o que querem combater, apenas corpos dançantes (re) educados para falar, sentir, expressar.

[...] o corpo que dança não é somente o dos maneirismos da bailarina clássica, o do expressionismo da dançarina moderna, nem o da descontração e do despojamento das danças populares, mas também toda essa multiplicidade de corpos em um único corpo multireferencial (PORPINO, 2006, p. 108).

A autora supracitada continua

Compreender a existência estética do corpo que dança e vive-la plenamente é, portanto, poder abrir novos caminhos para a compreensão não-fragmentada da existência humana, levando à Educação uma concepção de ser humano que possa transcender a visão dicotomizada ainda predominante. (PORPINO, 2006, p. 93).

A educação faz parte de nossas vidas, onde quer que estejamos, está em nossas experiências humanas, assim como, o movimento. Na dança, estes dois fatores (educação e movimento) são um só. O movimento na dança também educa. “...pensemos na dança como um educar que possa incluir a diversidade, o diálogo entre múltiplos aspectos da existência, a plasticidade do corpóreo e a beleza como dimensões necessárias e inerentes ao viver” (PORPINO, 2006, p. 119). Muitos pensamentos nos instigam a aprofundar este estudo, permitindo-nos pensar que :

a educação, como evidenciamos até o momento, constitui-se num fenômeno inerente à vida do ser humano, é multifacetada e faz parte das experiências humanas onde quer que o homem se encontre. Porém, dentre os múltiplos espaços sociais nos quais a educação se manifesta, percebemos que a escola ainda detém uma função significativa, na medida em que se destina a esse papel social. Por vezes, é percebida, equivocadamente, como único espaço realmente responsável pelo educar (PORPINO, 2006, p. 124).

Neste sentido, reafirmamos o pensamento de que a escola é um lugar de transformações, importante espaço onde importantes mudanças podem ser motivadas a acontecer. A dança nas aulas de Educação Física pode tornar-se para o aluno, um terreno onde ele pode vivenciar muitas experiências do movimento humano, independente de que corpo esse aluno seja. Essas experiências vão além de reproduzir movimentos vistos diariamente nas vias midiáticas, é vivência, expressão e criação. A visão unilateral de corpo não existe, o que existe são corpos múltiplos, diversos e capazes de dialogar consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Assim, nosso pensamento coaduna com o de Porpino (2006), pois, a prática dançante flui de uma ação do corpo e de suas implicações sobre o mundo e sobre nós mesmos, sendo assim, uma experiência sensorial, na qual vida e arte se misturam.

Acreditamos que cabe a escola estar aberta para uma educação que rompa com o tecnicismo exacerbado e com o espontaneísmo ingênuo para que seja possível criar um ambiente em que a condição complexa do ser humano possa ser vivida pela via da experiência estética do dançar (PORPINO, 2006, p. 131).

Dessa forma devemos reaprender sobre a dança e sobre o corpo, como uma linguagem que pode e deve ser desenvolvida para promover a inclusão por meio do discurso de corpo singular e plural. Sem limites para nos expressar através da dança, pois é preciso que abracemos o direito de sermos diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando as diferenças nos diminuem. Assim,

entendemos que na dança (e não somente na dança), todo corpo é livre para arriscar-se nessa linha tênue que é a comunicação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Permitindo-se ao mesmo tempo transformar-se e transformar o outro e o seu ambiente.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FLACSO BRASIL. **Guia do Diagnóstico Participativo**. S.d

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2010

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da Nóbrega. **Corporeidades... Inspirações Merleau- Pontianas**- Natal; IFRN, 2016.

_____. **Uma Fenomenologia do Corpo**- São Paulo; Editora: Editora Livraria da Física, 2010

_____. **Escritos sobre o corpo: diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação**. Natal: EDUFRN, 2009.

PORPINO, K. de O. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. Natal: EDUFRN, 2006.

RENGEL, L. **Os temas de movimento de Rudolf Laban (I, II, III, IV, V, VI, VII,**

TRESCA, Rosemary P. DE ROSE JR, Dante. Estudo comparativo da motivação intrínseca em escolares praticantes e não praticantes de dança. **Revista Brasileira Ciências e Movimento**. Brasília, V. 8, n. 1, p. 9 – 13, janeiro, 2000.

AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



AS FACES DA EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS NA DIVERSIDADE ESCOLAR



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

